IMAGEM E MEMÓRIA: O PARQUE FIGUEIRAL DE PRESIDENTE EPITÁCIO

BERGAMO, Ana Paula Rodrigues Horita[1]
FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira[2]

RESUMO

O artigo Imagem e Memória do Parque Figueiral, busca através de iconografias e relatos, elos perdidos na memória epitaciana, fazendo reflexões e análises de um passado submerso pelas águas do rio Paraná, este desenvolve uma contribuição memoralistica social, procura focar a imagem como grande contribuidor da história do parque. Os relatos nos ajudam a perceber características ocorridas de acordo com suas décadas, a diferenciação de usos e costumes, dos usuários do local. A presente obra procura rever o parque de modo imparcial, e transmitir o valor real que ele possuía.

PALAVRAS-CHAVE: imagem, memória, figueiral.

IMAGE AND MEMORY: THE PARK FIGUEIRAL FOR PRESIDENT EPITÁCIO

ABSTRACT

The job picture and memory of the park Figueiral, search through iconography and stories, epitaciana missing links in memory, thinking and doing an analysis of past submerged by the waters of the Parana River, this develops a social contribution memoralistica, seeks to focus the image as a major contributor the history of the park. The reports help us to understand characteristics occurred under their decades, the differentiation of use and customs of the site users. The present work aims to review the park impartially, and to convey to you the real value he possessed.

KEYWORDS: image, memory, figueiral.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo Imagem e Memória: O parque Figueiral de Presidente Epitácio, busca a partir de iconografia (fotos) e relatos, pesquisar e analisar o sentido e uso do lugar, a partir das imagens e dos depoimentos memoralísticos das pessoas que vivenciaram o mesmo, em épocas diferenciadas. O parque Figueiral de Presidente Epitácio, nesse caso objeto de estudo, foi escolhido por sua história singular, ou seja, o lugar em que a partir do crescimento urbano da cidade, nos idos dos anos 50 do século passado, foi eleito pela população como ponto de lazer e que, conforme equipamentos urbanos foram chegando, passou-se por transformações de uso, chegando aos anos 80 com toda uma infra-estrutura turística que acabou submersa após a represa Sérgio Motta.

Este trabalho, portanto, visa melhor compreender como esse lugar, o parque Figueiral, foi lido e vivenciado por parcela da população de Presidente Epitácio a partir dos depoimentos de seus usuários e principalmente dos registros fotográficos que esta população fez dele.

Torna-se aqui, portanto, que essas fotografias/imagens do referido parque, são ícones que evocam o congelamento da presença deste, através do tempo, ressurgindo lembranças e saudades, paisagens guardadas através de um momento único. Espaços que evocam uma determinada ideia da natureza idílica e lhe concebe a significação através das experiências culturais e sociais.

Através destas imagens acumuladas, procuramos a narrativa visual e imagética que nos permite conceber este espaço por meio dos seus momentos registrados fotograficamente, ou seja, buscamos a autobiografia deste lugar. Desta forma, as iconografias nos ajudam a conceber uma reconstrução do movimento espaço-temporal, mostrando-nos o caminho concebido até o término ou alagamento do antigo parque o Figueiral e o seu desdobrar no novo parque Figueiral, agora já elaborado por todo um planejamento administrativo voltado ao aspecto econômico por meio da indústria do turismo.

Complementar a esse registro fotográfico, temos as experiências memorativas, advindas através dos relatos pessoais, relatos estes que nos permitem conhecer esta parte da história por meio da recordação dos indivíduos e suas lembranças. A partir da comparação entre os diversos depoimentos, poderemos estabelecer elementos comuns ou conflituosos quanto às formas de usos e sentidos coletivos dados ao parque Figueiral em diferentes períodos que a população local vivenciou.

É com este intuito que convidamos a leitura e interpretação. Imagem e Memória: O parque Figueiral de Presidente Epitácio, é uma dissertação sobre as paisagens, na busca de uma narrativa depositária de múltiplas experiências, ideais de uma sociedade além das linhas, formas e signos. Mais do que um simples balneário, ou um lugar as margens do rio Paraná, o espaço descrito, construído e reconstruído impõe seu significado, a sua imagem e a sua memória.

[1] Especialista em Arte e Educação pela UNESP; graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Unifil. Pesquisadora líder do Grupo de Pesquisa Intervenções arquitetônicas e urbanísticas. Docente da Faculdade Assis Gurgacz e da Faculdade Dom Bosco. Email: anabergamo@fag.edu.br

[2] Doutor em Geografia pela USP; Mestre em Geografia pela USP e graduado em Geografia pela UNESP, é professor assistente doutor da Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente (SP) e do Programa de Mestrado em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (MS), também é coordenador do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: geografia, ensino, linguagem, epistemologia, imagem e literatura.

2 A CIDADE DE PRESIDENTE EPITÁCIO - SP

O município de Presidente Epitácio, está localizado na região oeste do estado de São Paulo, a 650 km da capital São Paulo e tendo como municípios limítrofes Caiuá e Marabá Paulista ao lado leste, ao sul com Teodoro Sampaio, ao lado oeste e norte é limitado pelo rio Paraná, possui uma área de 105 km².

A história de Presidente Epitácio teve origem na necessidade (no início do século XX) da construção de uma estrada de ferro, a Sorocabana, que ligasse as novas áreas ainda vastas e despovoadas, mas já uma promissora fonte pecuarista, do então estado do Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, com os centros consumidores e exportadores localizados no leste do estado de São Paulo – a capital e o porto de Santos (IBGE, 2012).

> Fazia-se necessária uma estrada que ligasse esses dois estados, mas na época, era um empreendimento que nem mesmo os governos estaduais tinham coragem de enfrentar, principalmente porque a região era considerada sertão, tanto de São Paulo como de Mato Grosso e segundo Francisco Cunha, "terço do mapa de São Paulo onde se lia: terrenos desconhecidos habitados pelos índios. (Cunha, 1980, p.18).

O destino da estrada seria a região de Vacaria, no Mato Grosso. De acordo com (Godoy, 2002, p. 22), o relato da fundação de Presidente Epitácio, no dia primeiro de janeiro de 1907, ao meio dia, depois de trinta e um dias de penosa navegação, a flotilha estava ancorada no Porto Tibiriçá. Era o termo de nossa viagem. A primeira etapa estava vencida.

Figura 01 - Mapa de 1903, percurso da estrada de ferro Sorocabana

Fonte: www.museusorocabana.com.br / 2009.

Ali e naquele momento, estava sendo plantada a semente da atual Estância Turística de Presidente Epitácio. Sabemos que por aqui habitavam as tribos dos índios Coroados, Caiuás e Xavantes, no entanto, fruto da política de ocupação econômica do interior do território pelos novos interesses de modernização urbana no país, principalmente pelos cafeicultores do estado de São Paulo, atrelados aos movimentos migratórios (PREFEITURA, 2009).

Presidente Epitácio foi se desenvolvendo através do transito de pessoas e principalmente através da pecuária (o trem levava a boiada), e da madeira que era escoada pelo rio Paraná, ali foram instaladas várias serrarias. Como município houve um rápido desenvolvimento e novas famílias se radicaram na cidade. Na Rua São Paulo, perto da estação, o comércio foi se introduzindo, com várias mercearias, açougues e bares, surgiram também indústrias de construção naval, serviços de carga e descarga ofereciam farta mão de obra, atraindo grande número de trabalhadores.

De acordo com a Prefeitura Municipal de Presidente Epitácio, em 1970 o censo populacional era de 26.428 habitantes, outro fator importante do crescimento do município foi a instalação do frigorífico União, de Gelatina, indústrias que se estabeleceram devido a demanda enorme de bovinos, escolas, postos de saúde, creches, bancos, assim o comércio foi fortalecendo e a cidade foi construindo sua história, vale lembrar que em 1980 a população era de 29.104 habitantes e nessa mesma data foram iniciadas as obras da Usina Sergio Motta, na cidade de Primavera, que futuramente afetaria o município de Presidente Epitácio.

Porém dez anos depois, a cidade é elevada a condição de Estância Turistica de Presidente Epitácio devido as suas imensuravéis belezas naturais, sendo que nesta época a população estimada era de 34.594 habitantes, alavancando um número considerável de turistas, investindo em infra-estrutura, como hotéis e pousadas. A transformação era visivel, a melhoria urbana sofreu o impacto principal, a elevação do nível do rio Paraná, onde a paisagem foi modificada, várias ilhas foram alagadas, como a ilha Tibiriçá, e outras tantas, para isso o governo federal, junto com as empreeiteiras Camargo Côrrea e CESP, contruíram obras compensatórias, como o auditório, a orla e o novo Figueiral. Segundo o

Institutito Brasileiro de Geografia e Estatística –IBGE (2012), Presidente Epitácio no ano de 2010, possuia 41.319 habitantes, sendo este, o último censo feito no município.

Figura 02 - Vista aérea da cidade de Presidente Epitácio – SP

Fonte: www.portogente.com.br/arquivos/id_11768

3 IMAGEM, MEMÓRIA E HISTÓRIA

Há imagens que nos trazem repulsa e outras que nos aliviam, representações são sentidos, ou sentimos os conceitos, porém existem efígies do nosso cotidiano que nem percebemos. Códigos, propagandas, a poluição visual faz com que percamos o sentido das figuras, mas qual é o verdadeiro significado da imagem? De acordo com Aurélio (2009), imagem é a representação gráfica, plástica ou fotográfica de pessoa ou objeto, ou seja, toda representação palpável.

Porém, Casassús (1979, p. 28) destaca que:

> A fotografia de um cantor pop em pleno recital, por exemplo, é a imagem deste personagem, e a reprodução em disco de sua voz é a imagem desta voz; mas quando falamos das imagens do cantor geralmente todos interpretam como sua representação visual.

Isto nos revela que a percepção visual é mais forte que os outros demais sentidos, ou seja, a imagem nos liga de maneira rápida a encontros com o passado, o deslumbramento com o presente, a nossa gama de armazenamento, as nossas assimilações com outros objetos, tudo isso contribui para que a percepção visual seja mencionada de tal modo.

O estudo da memória vem suprir os mais diversos campos acadêmicos, o simples relato entre as pessoas, por processo empírico, divulga e preserva a história, salvo algumas distorções. Porém, no processo acadêmico, podemos relatar o tema que nos permite pensar a memória e sua dimensão social numa perspectiva histórica o que Maurice Halbwaschs, menciona como "quadros sociais da memória", ao relacionar o que deve ser memorável, de maneira a qual, ocorre também exclusão de minorias, sendo excluídos os temas no qual o achismo não seria importante.

Cabe a nós a continuidade e uma incursa sobre as indagações da memória como fonte histórica, a importância da história oral, ou ainda as memórias individuais e seletivas.

O termo memória é conhecido desde a Grécia antiga, onde a história segundo Cícero [3]é a vida da memória e começou a ser questionada quando Voltaire [4]afirma que a história não é questão de memória, mas de razão. O transcorrer deste uso passa por várias discussões chegando aos anos 70 e 80, que da relevância importante ao nosso artigo, questiona o papel da memória coletiva na história e nas identidades coletivas.

Para Sá (1997, p. 39) "cabe-nos agora realizar uma breve incursão nas complexas relações entre história e memória, distinguindo duas posturas intelectuais que se ocupam do tema, através da ruptura ou continuidade".

Sabendo-se que a história é exemplificada por M. Halbwachs, pode ser mostrada como a memória universal, sendo que a memória universal não existe, o que ocorre é a memória coletiva, que está inserida em um limitado grupo neste período de espaço e tempo.

Ainda assim, Nora (1993), distancia a memória da história, e nos apresenta vários argumentos no seu discurso a memória e a vida, a história é a reconstrução do que não existe mais; a memória é sempre presente, a história é a representação do passado; a memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. Assim a imagem e a memória, junto com o tempo histórico em que foi inserido, reúnem contribuições para nossos conflitos contemporâneos e explicações cabíveis para nossas questões.

[3] Marcos Túlio Cícero (106 a.C a 43 a.C), foi filósofo, escritor, advogado e político da Roma antiga.
[4] François Marie Arouet (1694 a 1778), mais conhecido como Voltaire, foi escritor, ensaísta, deísta e filósofo iluminista francês.

Depois de discernirmos a história da memória, compreenderemos a validade da história oral, como produção de identidade junto com a memória coletiva, para isso introduzimos as narrativas populares, em relação ao espaço e tempo.

Nakamura (2003), revela que o narrador imprime à narrativa as cores locais, situa o homem num determinado espaço e tempo, faz emergir uma identidade sócio-cultural. Conforme o discurso, fazemos uma analogia, ao uso e costumes, saboreamos a fonte com todos os seus desejos e mitos, e introduzimos a gama de valores analisados.

Assim Bollême *apud* Nakamura (2003, p. 16), discorre que:

> a memória da comunidade, sua possibilidade de perdurar, o que ela guarda e o que a mantém como tal, tudo isso está legado à representação repetida que é a tradição oral. Função análoga à descrito, que também repete e conserva , mas com uma diferença essencial: aqui a comunidade que guarda a tradição são indivíduos portadores desta tradição que lhe asseguram, a cada interpretação, a continuidade criadora.

Os principais responsáveis pela criação da história são os indivíduos, todos sem distinção, guardam na memória as lembranças de suas épocas remotas e relatam de maneira simples ou complexas conforme o seu grau de instrução. A abordagem popular é sempre permeada pela polaridade do oral e do escrito, do erudito e do iletrado e assim sucessivamente. A contribuição de todos é o que resulta na memória coletiva, que resiste através do tempo, silenciosa, porém, latente.

Nakamura (2003) relata ainda que ao dar voz ao homem iletrado, a literatura oral desvenda a sua riqueza, porque mesmo sem habilidade dos letrados, o entrevistado realiza sua leitura de mundo. Contribuir com uma parte da história, realizaremos a narrativa de quem não pode escrever a sua, essas memórias subterrâneas conduzem a sociedade, e evitam o esquecimento de suas identidades.

Sendo assim, o direito à memória é fundamental a cidadania e a valorização destes grupos sociais, promovendo a integração de todos, através de um simples passado, passado por todos. E nessa consciência democrática que validamos o nosso tema “Imagem e memória do antigo Figueiral”.

4 A MEMÓRIA E A ARTE

O que é que se passa com nós homens que nos permite sustentar ardores que ameaçam a nossa própria sobrevivência, qual é a importância que detemos, destruímos e valorizamos, qual é a linearidade que devemos obter? Porque que continuamos compreendendo ações autodestrutivas em favor de uma gama de escusas? Estamos em harmonia com nossos valores mais profundos?

Compreender a vida já é uma arte, a percepção do espaço que observamos hoje, a velocidade de comunicação, a globalização e todas as tecnologias que detemos, não foram o bastante para o alagamento do parque Figueiral, falamos hoje deste foco em si, não esquecendo dentre todos os arquivos memoralísticos que foram apagados pelo avanço ou pelo progresso.

Qual a valorização social da identidade? Somos perceptíveis a todos os atos, e também responsáveis por eles. O calar é por em fim meios de sobrevivência destes locais, destas paisagens. O sentido de realidade é transformado no que diz a era pósontológica[5], ou pós-fotográfica. Valente (1998), discorre que a fotografia antes de se transformar em não-testemunho, alegoria, comentário, ou até mesmo em gênero artístico, começou por se afirmar como uma técnica que, contrariamente à pintura, permitia objetivar o mundo, atestar a veracidade dos lugares, das pessoas e das coisas fotografadas.

A veracidade das pessoas e dos lugares fotografados sucedeu o tempo congelado (estaticidade) à imagem digital, o nosso ponto de partida, enfatiza a estaticidade local, pelo processo de autonomização da imagem que, ao separar-se da experiência da vida, conduz ao aparecimento de novas modalidades de ver, e, portanto de sentir e pensar o mundo, lendo paisagens. As experiências e diálogos estão cada vez mais escassos, assim sucede como o uso de fontes de conhecimento.

A reflexão sobre o conceito da paisagem, um dos mais importantes mitos legitimadores da história e do progresso Ocidental, verifica que ela continua a ser hoje, nesta era “pós-ontológica”, um extraordinário meio para afirmar o domínio, a supremacia do ponto de vista ocidental no mundo.

Valente (1998) *apud* W.J.T. Mitchell, num artigo intitulado *Imperial Landscape7*, vai ao fundo desta questão. Parte dos seguintes enunciados:

1. A paisagem não é um gênero de arte mas um meio.

2. A paisagem é um meio de intercâmbio entre o humano e o natural, o eu e outro. E assim, é como o dinheiro: não tem valor em si mesma, antes expressa uma potencial reserva de valor de fundo.

3. Como o dinheiro, a paisagem é um hieróglifo social que esconde a base real do seu valor de fundo. Ela faz isto naturalizando as suas convenções e convencionalizando a sua natureza.

[5] Pósontológica termo usado na fotografia, antes de se transformar em não-testemunho, alegoria, comentário, ou até mesmo em género artístico, começou por se afirmar como uma técnica que, contrariamente à pintura, permitia objectivar o mundo, atestar a veracidade dos lugares, das pessoas e das coisas fotografadas.

4. A paisagem é uma cena natural mediada pela cultura. Não é só um espaço de representação, mas também um espaço de apresentação, não é só um significado, mas também o que significa, não é só a moldura, mas também o que a moldura contém, não é só a realidade, mas também o seu simulacro, não é só uma embalagem, mas também o seu conteúdo.

5. A paisagem é um meio que se encontra em todas as culturas.

6. A paisagem é uma específica formação histórica associada ao imperialismo europeu.

7. As teses 5 e 6 não se opõem.

8. A paisagem é um meio esgotado, inviável como modo de expressão artística. Tal como a vida, a paisagem é um aborrecimento; não devemos dizer isto.

9. A paisagem referida na tese 8 é igual àquela da tese 6.

Mitchell termina questionando a possibilidade de utilizarmos hoje o saber como instrumento de mudança, numa altura em que a pós-moderna colisão "cultura-cultura", verdadeiro impacto das políticas globais, veio substituir o tradicional conforto "natureza-cultura" que durante milenios esteve na origem de grandes conflitos da nossa história: Temos conhecimento desde Ruskin[6], que a apreciação da paisagem como objeto estético não pode ser motivo de complacência ou de tranquila contemplação; pelo contrário, deve ser o foco de uma vigilância - histórica política e (sim) estética – da violência e dos mal inscritos na terra, projetados pelo olhar da contemplação. O que agora sabemos, é que a própria paisagem é o meio através do qual este se esconde e se naturaliza. Se este conhecimento nos dá algum poder, trata-se aí de uma questão completamente diferente.

Nestas intitulações sobre a paisagem, observamos que a arte inserida neste cotidiano, contribui com a sensibilização de quem o vê, e é de extrema importância na construção da memória, sabemos que este sistema evocativo das imagens e paisagens, estão referidos desde a idade média, e enriquecida pelos diagnósticos de São Tomás de Aquino[7]. Mas o foco que relatamos aqui é a imagem e a memória, nas séries de transformações vinculadas à mecanização da produção capitalistas, correspondente ao crescimento da vida urbana. Ferraz (2005), cita que tal processo intensificou-se exponencialmente nas últimas três décadas do século XIX, solicitando novas formas de atenção (tanto adestrada quanto distraída, subliminar), estimulando todos os sentidos (em especial, o olhar).

Essas mutações, acende uma expressiva mudança no modo ver, de percepção, abrindo uma gama de metodologias, através de temáticas conceitual, concebe novos regimes de visualidade, as novas esferas da arte, da ciência e do pensamento, de uma nova temática, que transfere ao observador a valorização do conceito arte.

Ferraz (2004), expõe que "Imagem" é então um conceito precioso: no interior de nossa linguagem usual e potencializando experiências tecnologicamente equipadas, configura um horizonte ontológico que é pura mudança, puro movimento. "Imagem" é o que é plena e materialmente, o nome do movente, do necessariamente relacional e cambiante, que, esquivando-se das penumbas do não-ser, constitui um mundo real, material e luminescente.

A imagem, seja ela real ou ilusória, bela ou horrenda, constitui a parte do nosso ver, do nosso imaginário, e sempre estará presente na arte de contemplar, retratos, paisagens. A arte completa a imagem, de modo sutil, todos nós vemos e percebemos arte, em tudo que relacionamos sentido.

Para Salles (2009), sempre foi natural do homem procurar o registro puro e simples dos acontecimentos à sua volta. As pinturas rupestres das cavernas pré-históricas, os primeiros registros visuais e tentativas de escrita, bem como as inscrições hieroglíficas do antigo Egito e imediações, são testemunho desta necessidade, desde os mais remotos tempos.

Mas, uma vez dominada a técnica do registro através do desenho, o homem passou então a desenvolver uma dimensão estética destes registros, que se preocupava não apenas com a simples representação, mas uma representação que traduzisse a idéia do belo, do aprazível, da harmonia. A essa dimensão estética da representação denominou-se ARTE.

A palavra arte vem de *Ars* do Latim, significa técnica e habilidade, e é com estes parâmetros que estudamos a imagem, contestando modos de investigar a faculdade cognitiva da memória. Ferraz (2004) cita que, sem dúvida a linguagem tem proporcionado a base mais penetrante para operacionalizar e teorizar sobre a memória. Mas é com a arte de sentimentos que damos a paisagem, origem, contexto histórico e valores, diferindo o panorama de quem o vê, para quem o sente.

5 IMAGEM E MEMÓRIA

As considerações teórico-metodológicas que norteiam este artigo, faz uso da história oral, dentro de uma perspectiva histórico-sociológica, buscando-se compreender as relações sociais, culturais, econômicas e políticas

[6] John Ruskin (Londres, 8 de fevereiro de 1819 – 20 de janeiro de 1900) foi um escritor mais lembrado por seu trabalho como crítico de arte e crítico social britânico. Foi também poeta e desenhista. Os ensaios de Ruskin sobre arte e arquitetura foram extremamente influentes na era Vitoriana, repercutindo até hoje.

[7] Tomás de Aquino (Roccasecca, 1225 — Fossanova, 7 de março 1274) foi um padre dominicano, filósofo, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado Doctor Communis ou Doctor Angelicus pela Igreja Católica.

vivenciadas pelos moradores da cidade de Presidente Epitácio, principalmente no período em que o parque Figueiral existia.

Partiu-se do princípio de que as pessoas entrevistadas, ao se pronunciarem sobre suas memórias, revelavam partes de suas vidas que muitos dos netos e bisnetos não conheciam, e também para abrir o porão das memórias e retirar delas uma parte ocultada no processo de construção da memória coletiva. Trabalhou-se assim com memória individual e coletiva, através de entrevistas.

Mas quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? De acordo com Pollak (2009), em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que nós chamaríamos de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.

Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.

Olhar o passado é ver o futuro, a grandiosidade como se finda uma parte da história epitaciana, nos mostra a importância que esta visão se revela pelo simples fato de que construímos o nosso rever, preencher nossa ausência ou identificar este ícone para os novos entes, a intenção como proposta é a busca pela memória deste local marcante, no qual elevou a cidade de Presidente Epitácio ser conhecida regionalmente.

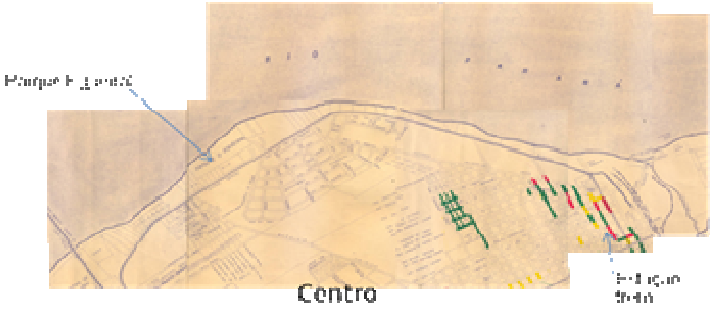
A imagem e a memória nos relatam algo maior, de grande importância, discute o passado trazendo para o presente inquietações, assim seguiremos paradigmas de modo imparcial, a imagem gera ponto de vista diferente entre as pessoas, mas onde ocorre a memória coletiva, quase todos possuem o mesmo modo de pensar, ou o mesmo sentimento sobre a paisagem.

A dimensão dialética constrói uma visão de tempo presente que se interagem para constituir núcleos de reflexão. Esses registros originam a busca de passado, vividos ou imaginados por personagens, tendo por finalidade a construção de conteúdo imagético definido por resgate memoralístico do parque Figueiral.

6 O ANTIGO FIGUEIRAL

O antigo Figueiral era um lugar natural, sem intervenção urbana, de topografia plana, sua vegetação era rasteira, porém possuía várias figueiras enormes, típicas do sertão, que deu nome ao parque. Situava-se nas margens do rio Paraná, com uma área de quase seis hectares. Um lugar majestoso, onde a população ribeirinha encontrava–se nas sombras de suas árvores para fazer piquenique.

Figura 04 - Parte do mapa da cidade de Presidente Epitacio, 1986.



Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Presidente Epitácio – Secretaria de Planejamento.

Os primeiros relatos fotográficos, foi na década de 50, o que coincide com o processo de urbanização no Brasil, este ganhou intensidade, devido à industrialização e à modernização das atividades agrárias. Em 1940, apenas 31% dos brasileiros viviam em cidades, contra 69% no meio rural. Em 1980, a situação inverteu-se 67,5% estavam vivendo em cidades, e apenas 32,5% na área rural, (POSITIVO, 2009). Este crescimento mostra uma necessidade que a população urbana tem de buscar lugares de convívio social e lazer, em Presidente Epitácio, o local escolhido foi o parque Figueiral.

Figura 05 - Família reunida no Figueiral, comemoração 1° de maio em 1952

Fonte: Imagem doada pelo Sr. Dalmo Duque dos Santos, 2009

Verifica-se nesta iconografia, uma família reunida à sombra de uma figueira, com roupas de passeio, a foto monocromática intensifica o período em que foi registrada, datada no dia 1° de maio do ano de 1952, a família participava da comemoração do dia do trabalhador. As pessoas estão centralizadas, destacando o casal que olha para nós, como principais membros da família, intensificamos o olhar para a senhora sentada, que observa o rio Paraná.

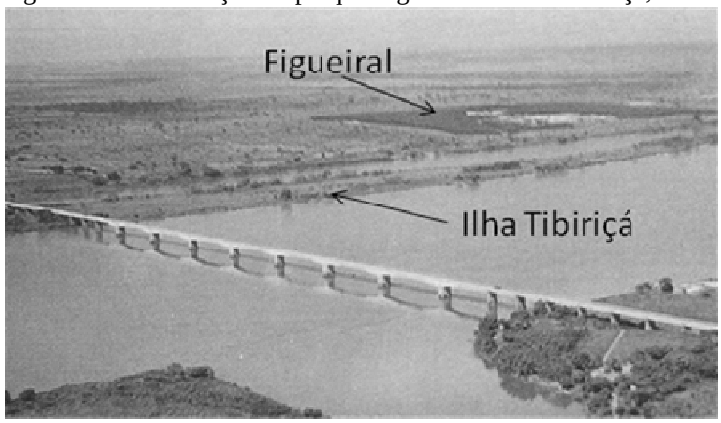
Figura 06 - Amigos reunidos no Figueiral, comemoração 1° de maio em 1953

Fonte: Imagem doada pelo Sr. Dalmo Duque dos Santos, 2009.

Beleza ou cansaço, poesia ou tristeza, essa imagem é comparada a outra tão antiga quanto esta. São amigos ou familiares reunidos no figueiral, no dia do trabalhador no ano de 1953, a imagem segue monocromática, centralizada, porém as pessoas se encontram mais unidas, transparecendo uma confraternização, a foto, porém muito antiga e com baixa qualidade, transpõe o convívio que ocorria no parque Figueiral.

Godoy (2002), diz que na década de 70, quando as águas do rio Paraná baixavam, dava para ir do Figueiral à ilha do Rio Pardo a pé, era a ilha Tibiriçá, que hoje se encontra submersa, este relato imagético, revela a antiga ilha Tibiriçá, a ponte Mauricio Joppert, sem o seu prolongamento e o parque Figueiral, uma paisagem reveladora, intacta em sua natureza.

Figura 07 - Localização do parque Figueiral e a ilha Tibiriçá, 1970.



Fonte: Foto doada pela Sra. Noélia Sebastiana Rodrigues.

Época nostálgica, cheia de relatos e pesares, com o aumento da população e do fluxo de gente, o local começou a se tornar um ponto de referência regional, quando começaram a desembarcar pela via férrea um número considerável de visitantes das cidades circunvizinhas.

Em entrevista Horita nos diz que: “Já no final da década de 70 e início de 80, começou a participação do Poder Público, na confecção de alguns quiosque de palha de coqueiro e capim sapé, que eram disputado pelos famosos farofeiros, que passaram a abandonar as tradicionais barracas de lona.”

Figura 08 - Quiosque de palha no parque Figueiral, 1978.

Fonte: Arquivo Pessoal

Essa bela foto, o primeiro plano é destacado. Demonstra as inovações em infraestrutura, mas é saudosista, pois em preto e branco. Não existe nenhum ser humano, apenas o precário quiosque rudimentar, tentando se integrar a ordem natural do lugar. Foto parada, instrospectiva. Demarca uma forma de viver, um ritmo de se mover e perceber o mundo antes dos elementos dinâmicos e fragmentários que caracterizou as duas últimas décadas. As pessoas e o quiosque ocupam a mesma posição nas fotos, são intercambiáveis como materialização imagética da paisagem da época, mas já apontam a tendência futura, em que a introspecção, a identidade, a relação de amizade serão superadas pelo dinamismo caótico do movimento espetacularizante do olhar e consumir do local.

A década de 1980 foi um período em que a administração pública investiu no turismo de Presidente Epitácio. No começo com a instalação de energia elétrica, que embora bastante precária servia para alegrar o local com as cornetas de auto falante, deixando o ambiente mais agradável. Emubra (2009), relata que a situação de vários equipamentos turísticos estavam em péssimas condições, abandonados ou desativados, como era o caso do Navio Epitácio Pessoa e do Parque Municipal “O Figueiral”. Desativado por dois anos, o Navio Epitácio Pessoa começou, em 1984, a realizar passeios que iam de Presidente Epitácio até Panorama e o Parque “O Figueiral” foi reativado após reformas.

Com a reforma, o poder público em 1984 iniciou o concurso de “Miss Turismo Regional e o Festival Nacional de Pesca” e a partir daí começa a vender a imagem do parque para toda a região, houve uma grande transformação para o local com instalação de banheiros, playground, quiosques em alvenaria, lanchonetes, restaurante, campo de vôlei, futebol, muda-se o habito, o lugar. As pessoas utilizam do parque de maneira diferente, agora elas não fazem pique-nique, consomem seus alimentos comprados no local.

Figura 09 - Parque Figueiral. Concurso Festival de Pesca, 1986.

Fonte: Foto doada pela Sra. Maria Aparecida de Melo Pessoa.

Na iconografia mostrada conforme figura 09, verificamos a quantidade de pescadores e botes, que participavam do festival nacional de pesca, a foto colorida exprime uma nova fase em que o figueiral recebe um público recorde, o primeiro olhar se forma em torno dos pescadores, porém há um número enorme de pessoas que recebem estes homens. Fazendo ideia dessa chegada tão esperada, para ver quem levaria o prêmio, quem tinha pescado o maior peixe, as cores, o sol, traz alegria e dinamismo para esta imagem.

Francisco (2009) revela que: "acordava de madrugada e arrumava a minha traia, pescávamos o dia inteiro, e cada peixe era uma expectativa, os prêmios eram bons, tinha barcos com motor, molinetes, varas, era tudo uma festa, a gente era recebido com muita alegria por todos, as pessoas queriam ver nossos peixes, e ai era só pose para as fotografias."

A intenção de uso é diferente como nos mostra os relatos, os passeios pelo parque são feitos por paradas em estandes, em barracas, o movimento comercial cresce a medida que os turistas aumentam, o parque é elevado a cartão postal da cidade, fortalecendo o festival de pesca. Além da pesca, é introduzido aos poucos através de estandes outros ramos de movimento econômico, revenda de máquinas agrícolas, carros, flores e artesanatos, que foram instalados no parque, aumentando a diversidade no Festival Nacional de Pesca.

Porém, esta fase será marcada pela construção da Usina Hidrelétrica Sergio Motta que se originou no ano de 1980, está em fase final no ano de 1996, neste ano foi aberto um peblicito, para a população escolher o novo lugar, onde seria construído um novo parque, então em 1998, e em exatamente no dia 7 de novembro, deu-se início ao enchimento do reservatório da Usina Hidrelétrica Sérgio Motta, em sua primeira etapa.

Com isso, houve a elevação do nível da água do rio Paraná até a cota de 253 metros do nível do mar. Esta etapa foi concluída em 14 de dezembro do mesmo ano. Já em 2001, foi iniciado o processo de elevação do reservatório da Sérgio Motta, para a cota de 257 - em 1º de fevereiro, etapa esta, concluída em 26 de março, tendo instalado oito unidades geradoras das 18 que tem capacidade.

Em 2000, o novo parque Figueiral, foi entregue pela CESP, Companhia Energética de São Paulo, inserido a uma distância aproximada de 5 km do centro da cidade, abrangendo uma área de 29.000 m², o novo Figueiral está localizado na parte norte da cidade, enquanto o antigo encontrava na parte oeste da cidade, houve uma preocupação em resguardar a parte histórica do parque, e com este intuito, foram replantadas 27 figueiras, na tentativa de preservar estes ícones tão importantes, porém nenhuma árvore conseguiu se adaptar ao novo local.

Figura 10 - Vista aérea do novo parque o Figueiral.

Fonte: Prefeitura Municipal de Presidente Epitácio, 2009.

O Parque Figueiral, foi construído com uma praia artificial, um palco temático, banheiros, quiosques, área para camping, e campos de futebol de areia, vôlei, um investimento enorme na transformação do velho para o novo, hoje ocorre o festival de pesca e vários outros tipos de entretenimento, como encontro de motoqueiros, shows de pará-quedismo, e alguns jogos da copa TV Fronteira, a maior dificuldade que o munícipes encontram é a locomoção, a distância é o principal fator negativo que encontramos em entrevista como cita a Sra. Agostinha Brunetti, o novo figueiral ficou muito longe, para quem tem carro, não encontra essa dificuldade, porém de bicicleta é muito cansativo.

Outros relatos indicam a perplexidade de quem o vê, Hélio da Silva da cidade de São Paulo, comenta: "O Figueiral é um lugar lindo, maravilhoso, parecia que fiquei paralisado, não esperava uma estrutura tão grande em uma cidade tão pacata, nossa o por do sol, é lindo, tudo organizado, aquela areia branquinha, e o rio refrescante é sensacional, quero vir mais vezes".

Entre todas as mudanças ocorridas vemos que o Figueiral, agora se encontra sem figueiras, porém está mais adequado a demanda de turistas, não possui a topografia plana como o antigo, mas possui uma infraestrutura enorme, com todas as áreas de lazer, a distância afastou muita gente, porém em épocas festivas a prefeitura coloca ônibus a disposição dos munícipes, com o seus pós e contras esse é o Figueiral que temos, ali, localizado onde muitos não gostam, mas é ele que proporciona a nova geração o lugar de lazer e descontração.

O caráter deste novo Figueiral, mudou o sentido do antigo, a natureza é remanejada e implantada, sendo planejada, imposta pela vontade humana, tornando artificial, o que difere do antigo parque, em que a natureza era pura, verdadeira. O homem era usuário deste parque, agora ele passa a ser o dono do projeto paisagístico.

As argumentações impostas aqui, não deixa de perceber que a realidade é outra, assim como outro parque que foi alagado, o novo parque Figueiral, já começa a traçar sua história e desenvolver o seu ritmo, diferentes em espaços físicos e localização, revela também suas qualidades e defeitos, como qualquer coisa existente, porém com o mesmo

foco do antigo Figueiral, tem como meta proporcionar o convívio social, o lazer e a integração do homem com a natureza.

O município de Presidente Epitácio perdeu uma beleza e ganhou outra, acompanhando o desenvolvimento necessário para a nação, para o coletivo, pelo menos isso é o que nos foi passado, mas havia outro meio de gerar energia limpa para o país, a nossa sociedade aceitou este impacto gigantesco sobre a natureza, gerando discussões, a nossa maior força é a sociedade capacitada, educada e informada, o que infelizmente não ocorre, somos fortes quando somos unidos, e esclarecidos, pois somos feitos do meio, porém único assim como era o antigo Figueiral.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a imagem em conjunto com a memória, organiza um conjunto de obras, dando sentido espacial. A formação imagética desenvolve ao ser, sentidos de percepção de análises. A continuidade de iconografias em espaço temporal gera o embasamento de conteúdo histórico, das mais diferentes dimensões, leituras de imagens, caracterização de memórias. A alusão de conteúdo histórico produz uma gama de desenvolvimento teórico, retomando uma parte histórica do parque Figueiral de Presidente Epitácio, trazendo sentidos e conhecimento as novas gerações de pessoas que não usufruíram do local.

Através de pesquisa, embasada na história do parque Figueiral de Presidente Epitácio, nas memórias individuais, testemunhos iconográficos, e nos mais documentos oficiais e hemerográficos, foi possível unir estes fragmentos em um ponto de convergência, a história do parque. História essa, hoje documentada através da imagem e da memória, discorrida de forma imparcial e aplicada a condição humana hoje existente. Vitorino (2007), discorre que a imagem, a iconografia, possui base, apenas com as informações apresentadas, apresentadas em texto, só assim consegue remeter um registro histórico. Porque é no campo da palavra que o espectador vai achar as significações para o que ele vê, pela foto, que existe. O texto é o elemento que esclarecerá o "corte" que representa o ato fotográfico, ao captar a desordem dos objetos do mundo. E é por meio dele que acontece o processo de significação.

Tudo que se inscreve na memória psíquica, permanece ali gravado e intacto, nem tudo retorna, portanto haverá sempre restos perdidos, relatos não encontrados, ou imagens não registradas. Haverá sempre parcelas não mencionadas, o que ocorrerá em algo perdido, uma espécie de latência, que poderá retornar através de pesquisas feitas como essa. Por isso, o enriquecimento cultural por parte de estudiosos e até mesmo por pessoas leigas, transfere ao conteúdo uma vivacidade em sua produção científica. Imagem e memória do parque Figueiral de Presidente Epitácio, constitui em um importante instrumento de preservação e valorização da história para gerações futuras.

É com esse intuito que transformamos um pouco da história em algo palpável à nossa realidade, produzindo um começo, uma reflexão deste ambiente tão saudoso para a população epitaciana.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO, D. In site: http://www.dicionarioaurelio.com Acesso: 09/01/2009

CASASÚS, J. M. **Teoria da Imagem**. Editora Salvat,1979.

CUNHA, F. **Memórias de um picadeiro, crônicas.** Fundação Museu Histórico Municipal Presidente Prudente, 1980, p. 23.

EMUBRA. In site : http: //camarapprudente .sp.gov.br/historia/hist_oeste/ cidades/pepitacio/ apresenta.html: Acesso: 03/02/2009.

FERRAZ, M. C. F. **Percepção, imagem e memória na modernidade**, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, Volume XXVII, n1, 2004

GODOY, B. **História de Presidente Epitácio.** Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP), 2002.
IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. In site:
http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=35

NAKAMURA, L. M**. Literatura oral, cultura popular e memória coletiva da costa leste de Mato Grosso do Sul.** In: Dissertação de mestrado intitulada Literatura oral: as narrativas populares do município de Três Lagoas, UFMS, 2003.

NORA, P. **"Entre memória e história: a problemática dos lugares"** (traduzido de: Les lieux de Mémoire. Paris: Gallimard, 1984.) IN: Projeto História. SP – Brasil, 1993

PREFEITURA. Prefeitura de Presidente Epitácio In site: http://www.etpmpe.com.br/ principal.php. Acesso: 22/02/2009.

POLLAK, M. **Memória e identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 2009.

POSITIVO. **Apostila Positivo**, 2.Bimestre, v.3, Positivo, Curitiba,2009.
SÁ, Antonio Fernando de Araujo. **História e Memória na era das comemorações**. In: Revista Vivência. UFRN. Natal, 1983.

SALLES, F. **Fotografia: textos, artigos e críticas.** In site: http://www.Mneomocine. com.br /index2.htm

VALENTE , M. A. **Arte da Memória**, in catálogo da exposição "Arte da Memória", Centro.Português de Fotografia, Porto, 1998.

VITORINO, C. **Imagem Jornalística: registro histórico ou flashes de memória?** Tese. Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia, 2007.